

Ministério do Meio Ambiente
Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil
Projeto de Apoio ao Monitoramento e Análise - AMA
Cooperação Técnica Alemã - GTZ

O que é
Sistematizar Experiências
e para que serve?¹

Oscar Jara H.

¹ Texto de referência para leitura prévia ao curso-oficina de Sistematização, 16-19 março, 2004. O autor é educador popular e sociólogo, coordenador do programa latino-americano de Sistematização de Experiências e diretor do Centro de Estudios y Publicaciones Alforja, San José, Costa Rica. Os conteúdos deste texto foram adaptados do livro do autor "Para Sistematizar Experiências", UFPB,-Equip, João Pessoa, 1998. Para mais referências e debates atuais, consultar: www.alforja.or.cr/sistem

Introdução

Tenho a profunda convicção de que é indispensável a contribuição da sistematização de nossas experiências de educação e organização popular nos diversos campos de ação econômica, social, política e cultural, para poder responder aos desafios desta nova época que estamos vivendo, porque elas contêm aprendizagens fundamentais desde o cotidiano da história latino-americana.

A história não é pré-determinada, mas se constrói com a vontade, a consciência, a ação e a imaginação de homens e mulheres de cada tempo. E o produto deste esforço construtor nunca é uma invenção absoluta nem mágica aparição. É sempre resposta a aspirações não realizadas, desafios pendentes, ilusões em gestação ou decisões inadiáveis, gerados e curtidos ao longo das experiências vividas.

Sem dúvida, o novo cenário deste novo século colocou em questão as práticas e as concepções teóricas dos movimentos sociais e das ciências sociais latino-americanas. Enfrentamos novas perguntas e desafios inéditos. É um momento histórico privilegiado para a criação, mas as respostas às novas perguntas não vão surgir de nenhum outro lugar senão da experiência histórica acumulada.

Lamentavelmente, não acumulamos ainda as aprendizagens necessárias contidas nessas experiências. A sistematização, como exercício rigoroso de aprendizagem e interpretação crítica dos processos vividos, continua sendo uma tarefa pendente e hoje - mais do que nunca - pode contribuir de forma decisiva para recriar as práticas dos movimentos sociais e a renovar a produção teórica das ciências sociais, a partir da experiência cotidiana dos povos, em particular daquelas comprometidas com processos de educação e organização popular.

Convencido de que a fonte de nossos paradigmas está na experiência acumulada; que nossa história latino-americana não aconteceu em vão e que nossas práticas estão carregadas de ensinamentos, que é nossa responsabilidade resgatar, ofereço este texto escrito com carinho e convicção, como testemunho de teimosa vontade de querer construir cada dia un novo futuro possível.

Por que se quer e muitas vezes não se pode sistematizar?

É cada vez mais frequente encontrar uma grande preocupação em torno da *necessidade* e, às vezes, *difficuldade* de sistematizar as experiências. Por quê? Fundamentalmente, por três razões:

Parece uma tarefa complexa demais

As propostas mais difundidas aparecem, em geral, como excessivamente complicadas, tanto em sua linguagem como em seus procedimentos. Parece, portanto, que requerem um esforço extraordinário e muito especializado.

Isto causa três reações possíveis: primeiro, não atrever-se nem a começar; segundo, aventurar-se a começar e perder o alento em pouco tempo, seja porque as fases iniciais se prolongam e se enredam demais ou porque o ritmo de outras atividades impede a dedicação à sistematização pelo tempo necessário; terceiro, pensar em contratar um especialista para que assuma esta tarefa "tão importante" mas pouco exequível senão por uma pessoa "esperta"

Não se conta com definições claras

Falta uma compreensão mais precisa em torno do *que significa exatamente fazer uma sistematização e quem são os/as indicados/as para fazê-la*.

Não fica muito clara sua diferença em relação à avaliação. Às vezes é entendida como um projeto de investigação; outras vezes é identificada como um informe de trabalho ou com uma lista ordenada de atividades realizadas. Não se sabe claramente que produtos concretos poderiam trazer. Tampouco está claro se se deveria sistematizar toda a experiência desenvolvida ao longo do tempo ou se é possível fazê-lo só sobre uma experiência particular. Enfim, converte-se em algo misterioso, entre mágico e etéreo, que não se sabe por onde pegar.

Tampouco há clareza acerca de *quem deveria sistematizar*. Não se sabe se deveria ser toda a equipe; se deve haver alguma pessoa responsável por fazê-lo permanentemente; se se deveria criar um setor de sistematização na instituição ou formar uma comissão para realizá-la durante um determinado período; se os sujeitos sociais com os quais a instituição trabalha também devem sistematizar ou se se trata de um trabalho exclusivamente institucional, etc.

Na prática não se lhe dá prioridade

As instituições não têm definida como *política institucional efetiva* a dedicação da equipe à sistematização das experiências que realizam (ainda que no discurso seja mencionada como importante).

Normalmente se têm definido momentos para o *planejamento, a execução, o monitoramento e a avaliação* institucionais, mas não se programam momentos

para a sistematização. É muito comum que alguém afirme que "não se tem tempo para sistematizar", porque o ritmo das atividades é muito intenso. Isto reflete, muitas vezes, uma carência nas instituições no que diz respeito a refletir criticamente sobre o nosso fazer. Revela também que, no fundo, não se dá prioridade real à sistematização.

Neste texto queremos abordar essas dificuldades e propor, como pistas alternativas, algumas reflexões teóricas e metodológicas, como pautas operativas de sistematização, que surgiram de experiências práticas nas quais participamos ou que conhecemos de perto.

Esperamos contribuir com este trabalho tanto para reafirmar a importância e a necessidade da sistematização como para encontrar pistas concretas para fazê-la possível e viável entre os muitos homens e mulheres da América Latina que entregam suas vidas a cada dia como dirigentes, lideranças, educadores, animadores e promotores populares.

Encontros e desencontros das propostas de sistematização

Diego Palma no seu texto: *A sistematização como estratégia de conhecimento na educação popular. O estado da questão na América Latina*² chega a cinco constatações básicas:

1. que, efetivamente existe uma *prática específica* que merece o nome próprio de "sistematização" e que, portanto, pode-se distinguir de outros esforços referentes ao conhecimento dos fatos sociais, tais como a investigação ou a avaliação;
2. que o termo "sistematização" é utilizado de maneira *ambígua* por educadores e promotores sociais e que entre os autores que escrevem sobre o tema não existe pleno acordo quanto aos conteúdos que se lhe atribuem;
3. que, entre as diferentes propostas, ainda que com diferentes enfoques e ênfases particulares (de concepção e de método), existem também *influências mútuas* e "filiações mestiças";
4. que a fonte de *unidade* fundamental, manifestada na coincidência dos objetivos gerais, encontra-se num marco epistemológico comum:

"...todas as propostas de sistematização expressam uma **oposição flagrante com a orientação positivista** que guiou e ainda guia as correntes mais poderosas da Ciências Sociais...Todo o esforço para sistematizar, qualquer que seja sua tradução mais operacional, inclui-se nessa alternativa que reage contra as metodologias formais.

² *Papeles de CEAAL*, N° 3, Santiago, junho de 1992.

A sistematização inclui-se nessa ampla corrente que busca compreender e tratar com **o qualitativo** da realidade e que se encontra em cada situação particular. Uns a explicitam e outros não, mas a oposição à redução positivista de toda sistematização se funda em uma epistemologia **dialética**".

5. que as fontes principais de *diferenciação* encontram-se em:

. Os **objetivos específicos** que se perseguem prioritariamente com a sistematização; quer dizer, se a sistematização se faz: *para* favorecer o intercâmbio de experiências; ou *para* que a equipe tenha melhor compreensão de seu trabalho; ou *para* adquirir conhecimentos teóricos a partir da prática; ou *para* melhorar a prática.

. O **objeto concreto** que se sistematizará; ou seja, se o que se quer sistematizar é fundamentalmente: a prática dos educadores; ou a prática dos grupos populares; ou a relação entre os sujeitos.

Finalmente, o trabalho mencionado coloca a debilidade principal na maioria das propostas de sistematização: *a metodológica*. Concordo em qualificar este aspecto decisivo como o principal obstáculo com o qual os educadores populares e animadores nos encontramos quando queremos sistematizar.

O tema da metodologia, na realidade, tem a ver com um conjunto de elementos teóricos e práticos que se 'entrecruzam' quando pretendemos executar uma proposta de sistematização: a **concepção** (do processo de conhecimento, do processo social, do que é sistematizar), as **categorias** que se utilizam (para o ordenamento ou a interpretação da experiência), a **sequência lógica** de passos ou momentos previstos, as técnicas e procedimentos de cada passo, etc.

O que muita gente busca, enquanto método, é uma "receita" que possa ser aplicada rápida e facilmente a qualquer experiência, não importando seu contexto. Pensa-se que os assuntos de método referem-se simplesmente a uma lista de passos ou tarefas que se tem que seguir.

Não é comum o reconhecimento da complexidade do *metodológico em seu sentido mais profundo*: que implica sustentar teoricamente e organizar de forma rigorosa uma determinada sequência de momentos que seja coerente com uma fundamentação teórico-filosófica e que se execute de forma criadora (de acordo com as características de cada experiência e as particularidades do contexto).

As diferenças de método que encontramos nas distintas propostas de sistematização têm precisamente que ver com tudo isto; com diferenças de concepção, de objetivos previstos, de objetos que se propõe sistematizar e de experiências práticas de quem formula as propostas. Definitivamente, o metodológico é um aspecto fundamental sobre o qual há que avançar, seguindo a experiência acumulada nesses encontros e desencontros.

O que é sistematizar?

Primeira aproximação: A experiência

Partamos da seguinte consideração básica: quando falamos de sistematização estamos falando de um exercício que se refere, necessariamente, a experiências práticas concretas. No nosso caso, vamos nos referir, principalmente, a experiências de educação, organização popular, promoção social ou desenvolvimento sustentável.

Estas experiências são processos sociais *dinâmicos*: em permanente mudança e movimento. São também processos sociais *complexos*, em que se interrelacionam, de forma contraditória, um conjunto de fatores objetivos e subjetivos:

- as **condições** do contexto em que se desenvolvem;
- **situações** particulares a enfrentar-se;
- **ações** dirigidas para se conseguir determinado fim;
- **percepções, interpretações e intenções** dos diferentes sujeitos que intervêm no processo ;
- **resultados** esperados e inesperados que vão surgindo;
- **relações e reações** entre os participantes;

São processos particulares que *fazem parte de uma prática social e histórica mais geral* igualmente dinâmica, complexa e contraditória.

Estamos falando, então, de experiências vitais, carregadas de uma enorme riqueza acumulada de elementos que, em cada caso, representam processos inéditos e irrepetíveis. É por isso que é tão apaixonante a tarefa de **compreendê-las, extrair seus ensinamentos e comunicá-los**.

Como diz Alfonso Ibáñez:

"...As práticas de educação popular buscam inserir-se nos processos sociais e organizativos da população, visando a resolução de seus problemas, necessidades e aspirações, num contexto bem determinado. Em qualquer caso, põem-se em marcha ou impulsionam-se processos sociais de ação consciente e organizada, por meio de um reflexão crítica de sua situação, que permitam modificá-la no sentido do projeto histórico popular. Ele conduz, normalmente, à elaboração de estratégias político-pedagógicas de intervenção, em função do apoio e potencialização do protagonismo de distintos sujeitos populares.

Estamos, então, diante de experiências da realidade que são susceptíveis de ser entendidas e, portanto, sistematizadas de maneira dialética. Essa experiências de educação popular ou de promoção em geral, podem ser lidas ou compreendidas como uma *unidade rica e contraditória*, cheia de elementos constitutivos que estão presentes num movimento próprio e constante...Além disso, estas experiências, estes processos sociais, organizativos e culturais muito específicos, estão, por sua vez, relacionados com

outros processos da realidade que possuem características similares..."³

Este ponto de partida é o que nos permite aproximar-nos da sistematização a partir do que a própria riqueza das experiências pede que se faça: **apropriar-se da experiência vivida e dar conta dela, compartilhando com os outros o aprendido.**

Segunda aproximação: o conceito de sistematização

Já é um lugar comum entender a sistematização como uma reflexão da experiência. Sem dúvida, é evidente que nem toda reflexão sobre uma experiência poderá ser classificada como "sistematização". Como vimos no item anterior, alguns autores enfatizam uns elementos mais que outros, de acordo com os objetivos ou objeto de sistematização que se propõem.

Por exemplo, há quem coloque o acento na **reconstrução ordenada da experiência:**

"Com esse conceito alude-se a um processo de reflexão que pretende ordenar ou organizar o que foi o caminho, os processos, os resultados de um projeto, buscando em tal dinâmica as dimensões que podem explicar o curso que assumiu o trabalho realizado. Como a experiência envolve diversos atores, a sistematização tenta elucidar também o sentido ou o significado que o processo teve para os atores que dela participaram".⁴

Enquanto que outros autores e autoras acentuam seu caráter de **processo produtor de conhecimentos:**

"Entendemos a sistematização como um processo permanente, cumulativo, de criação de conhecimentos a partir de nossa experiência de intervenção numa realidade social, como um primeiro nível de teorização sobre a prática. Nesse sentido, a sistematização representa uma articulação entre teoria e prática(...) e serve a objetivos do dois campos. Por um lado mostra como melhorar a prática, a intervenção, a partir do que ela mesma nos ensina (...); de outra parte (...) aspira a enriquecer, confrontar e modificar o conhecimento teórico atualmente existente, contribuindo para convertê-lo em uma ferramenta realmente útil para entender e transformar nossa realidade."⁵

Outros vão colocar a ênfase em que sistematizar implica **conceitualizar a prática, para dar coerência a todos os seus elementos:**

"Um dos propósitos principais da sistematização é a conceitualização da prática (...), para colocar em ordem todos os elementos que intervêm nela; não uma ordem qualquer, mas aquela que organiza o fazer, que lhe dá corpo, que o articula em

³ Ibáñez, Alfonso: *La dialéctica en la sistematización de experiencias*, Revista Tarea, Lima, setembro de 1991, p.33.

⁴ Martinic, Sergio: *Algunas categorías de análisis para a sistematização*. CIDE-FLASCO, Santiago, janeiro de 1989..

⁵Taller Permanente de Sistematización , CEAAL-Peru: *Y cómo lo hace? Propuesta de método de sistematización*. Lima, junho de 1992.

um todo, em que cada uma de suas partes situe sua razão de ser, suas potencialidades e suas limitações (...) um "por em sistema" o fazer, na busca de coerência entre o que se pretende e o que se faz." ⁶

Outros ressaltam o fato de que a sistematização é um **processo participativo**:

"Na Educação Popular, a sistematização é uma espécie particular de criação participativa de conhecimentos teórico-práticos, a partir de e para a ação de transformação, entendida como a construção da capacidade protagonista do povo."⁷

Concordando, basicamente, com os elementos que aparecem nessas diferentes abordagens, pensamos que ainda é necessário precisar mais aquilo que é próprio do tipo de reflexão ou conceitualização que realiza a sistematização. O que a diferencia de outros tipos de reflexão que se realizam a partir da prática e tem, igualmente, a intenção de teorizar sobre ela para transformá-la?

Parece que o mais característico e próprio da reflexão sistematizadora é que ela *busca penetrar no interior da dinâmica das experiências*, algo assim como meter-se "por dentro" desses processos sociais vivos e complexos, circulando entre seus elementos, percebendo a relação entre eles, percorrendo suas diferentes etapas, localizando suas contradições, tensões, marchas e contramarchas, chegando assim a entender estes processos a partir de sua própria lógica, extraindo ensinamentos que possam contribuir para o enriquecimento tanto da prática como da teoria.

Sintetizando esta característica essencial e própria, poderíamos aventurar-nos a afirmar que:

A sistematização é aquela interpretação crítica de uma ou várias experiências que, a partir de seu ordenamento e reconstrução, descobre ou explicita a lógica do processo vivido, os fatores que intervieram no dito processo, como se relacionaram entre si e porque o fizeram desse modo. Assim aprendermos e tiramos lições de nossa própria prática.

Esta afirmação básica, contém sinteticamente várias afirmações particulares:

- Define a sistematização como **interpretação crítica**, quer dizer, como o resultado de todo um esforço para compreender o sentido das experiências, tomando distância delas.
- Assinala que essa interpretação só é possível se previamente se **ordenou e reconstruiu** o processo vivido nas experiências, tanto dos elementos objetivos como subjetivos que tenham influenciado.

⁶Antillón, Roberto: *Como entendemos la Sistematización desde una Concepción Metodológica Dialéctica? Documento para discusión*. IMDEC-ALFORJA, Guadalajara, 1991.

⁷Cadena, Félix: *La sistematización como creación de saber de liberación*. CEAAL. Santiago, sin fecha]

- É uma interpretação que se caracteriza por descobrir a **lógica** que conduz o processo, quais os fatores que intervêm nele e as relações entre eles.

A partir dessas afirmações centrais, poderíamos acrescentar outras características importantes da sistematização:

- A sistematização de uma experiência **produz um novo conhecimento**, um primeiro nível de conceitualização a partir da prática concreta que, uma vez que possibilita sua compreensão, leva a transcendê-la, a ir mais além dela mesma. Nesse sentido, permite-nos abstrair o que estamos fazendo em cada caso particular e encontrar um terreno fértil onde a generalização é possível.
- A sistematização, ao reconstruir o processo da prática, identificar seus elementos, classificá-los e reordená-los, faz-nos **objetivar o vivido**, "fazer uma parada para tomar distância" do que experimentamos vivencialmente e converter assim a própria experiência em objeto de estudo e interpretação teórica e, ao mesmo tempo, em objeto de transformação.
- A sistematização **põe em ordem conhecimentos desordenados e percepções dispersas** que surgiram no transcorrer da experiência. Assim explicita intuições, intenções e vivências acumuladas ao longo do processo. Ao sistematizar, as pessoas recuperam de maneira ordenada *o que já sabem* sobre sua experiência, descobrem *o que ainda não sabem* sobre ela, mas também revela-se *o que "ainda não sabiam que já sabiam"*.
- Ao sistematizar não só se atenta aos acontecimentos, seu comportamento e evolução, como também **às interpretações** que os sujeitos tem sobre eles. Cria-se assim um espaço para que essas interpretações sejam discutidas, compartilhadas e confrontadas.⁸

Acreditamos que essas características básicas perfilam uma concepção de sistematização que não se confunde com outros processos de reflexão, estudo ou comunicação de experiências. Nesse sentido, cremos que vale a pena reafirmar explicitamente que sistematização **não** é:

- *Narrar* experiências (mesmo que o testemunho possa ser útil para sistematizar, deve-se ir mais além da narração).
- *Descrever* processos (pois, ainda que seja necessário fazê-lo, é preciso passar do nível descritivo ao interpretativo).

⁸ Parece-nos muito precisa a forma como Martinic e Walter ressaltam essa característica: " *As práticas sociais que se estudam são entendidas como situações nas quais há atores involuntários. Estes conhecem e interpretam a realidade de modos diferentes que, por sua vez, tem relação com o mundo social e cultural ao qual pertencem. Trata-se assim de recuperar o que os atores sabem da experiência na qual participam (...) As interpretações que se produzem acerca da experiência e da prática dos sujeitos se assume como premissa (...) O que se vê agora são os sentidos que as ações têm para os atores que as promovem e os resultados que elas têm , de acordo com os propósitos que eles mesmos estabeleceram.*" Martinic, Sergio y Horacio Walker: *La reflexión metodológica en el proceso de sistematización de experiencias de educación popular*. CIDE. In vários autores, *La sistematización de projetos de educação popular*. CEAAL, Santiago de Chile, 1987, p.8. Ver também: Falkembach, Elza M.: *Sistematização*. SPEP, Universidade de Ijuí. Série Educação Popular, 1. Livraria Unijuí Editora, R.S., Universidade de Ijuí, R.S., Brasil, 1991,p.11

- *Classificar* experiências por categorias comuns (esta pode ser uma atividade que ajuda o ordenamento, mas não esgota a necessidade de interpretar o processo).
- *Ordenar e tabular* informação sobre experiências (igual ao caso anterior).
- Fazer uma dissertação teórica *exemplificando* com algumas referências práticas.

Concebida da maneira que propomos, a sistematização situa-se no caminho intermediário entre a descrição e a teoria, um terreno no qual temos pouco costume de transitar. A tendência a contar anedoticamente experiências vividas, a encaixar processos originais em esquemas rígidos pré-estabelecidos ou a jogar discursos abstratos com o pretexto de alguma referência a experiências de campo, atenta contra o modo de pensar dinâmico, rigoroso, processual, crítico e criativo que é indispensável para realmente "sistematizar".

Muitas aproximações ao conceito de sistematização não o abordam a partir da precisão de suas características essenciais, mas sim a partir dos objetivos que propõe, das utilidades que oferece ou dos procedimentos que aplica. Nós quisemos contribuir para a construção do conceito de sistematização a partir dos pontos de confluência de muitas propostas diferentes, tratando de ir um pouco mais além. Esperamos que sirva de incentivo a outros, para continuar aprofundando, num debate fraterno, essa tarefa de conceitualização, que só será possível se avançarmos também em nossas práticas.

Para que serve sistematizar?

Tendo apontado características essenciais que definem, a partir do nosso ponto de vista, o que é um processo de sistematização, passemos agora a assinalar algumas de suas múltiplas possibilidades de utilização em trabalhos de educação, animação e organização popular.

Uma primeira afirmação elementar é que *sempre sistematizamos para algo*. Não tem sentido sistematizar por sistematizar, só para "fazer uma sistematização" e ponto. A sistematização é sempre um *meio* em função de determinados objetivos que a orientam e lhe dão sentido. Quer dizer, em função de uma *utilidade concreta* que vamos lhe dar, em relação com as experiências que estamos realizando.

Toda sistematização tem dois componentes básicos, aos quais podemos assinalar uma determinada utilidade: o **processo** de sistematização e o **produto** (ou produtos) da sistematização. Ambos os componentes estão intimamente ligados, mas é importante diferenciá-los, sobretudo na hora de definir a utilidade que esperamos obter deles.

De maneira muito sintética poderíamos resumir as múltiplas possibilidades e utilidades da sistematização do seguinte modo:

- **Ter uma compreensão mais profunda das experiências que realizamos, com o fim de melhorar nossa própria prática.**
- **Compartilhar com outras práticas seme-lhantes os ensinamentos surgidos com a experiência.**
- **Conduzir à reflexão teórica (e em geral à construção de teoria) os conhecimentos surgidos de práticas sociais concretas.**

Compreender e melhorar nossa própria prática:

A sistematização possibilita compreender como se desenvolveu a experiência, *por que se deu dessa maneira e não de outra*; dá conta das mudanças ocorridas, como se produziram e porque se produziram.

Diferente de outros esforços reflexivos, a sistematização permite entender *a relação entre as diferentes etapas de um processo*: que elementos foram mais determinantes que outros e porque, e quais foram os momentos significativos que marcaram o desenvolvimento posterior de uma experiência e que deram determinadas viradas ao seu encaminhamento.

Sistematizar permite, assim, diferenciar os elementos constantes dos ocasionais; os que ficaram sem continuidade no trajeto, os que incidiram em novas pistas e linhas de trabalho, os que expressam vazios que apareceram muitas vezes. Assim, permite determinar os momentos de aparecimento, de consolidação, de desenvolvimento, de ruptura, etc., dentro do processo e como os diferentes fatores comportaram-se em cada um deles.

Nesse sentido, a sistematização possibilita entender a lógica das relações e contradições entre os diferentes elementos, localizando *coerências e incoerências*: por exemplo, entre a dinâmica do processo particular que realizamos e os desafios que a dinâmica social geral havia colocado para nossas práticas. "A localização das etapas pelas quais uma organização ou instituição passou, toma sentido na medida em que se vão estabelecendo as relações e as conseqüentes adequações dos projetos, em função do desenvolvimento dos processos de transformação social".⁹

Tudo isso só tem sentido na medida em que nos ajuda a entender *como chegamos ao momento em que estamos*; quer dizer, a explicar-nos nossa própria trajetória e não para reconstruir o passado por reconstruir e sim para poder *compreender melhor nosso presente*, localizando - a partir da trajetória acumulada - os elementos, características, contradições e desafios da etapa atual em que nos encontramos.

⁹ Antillón, Roberto "Como entendemos la sistematización desde una concepción metodológica dialéctica?" IMDEC in *Sistematí...que?* (seleção de textos), ALFORJA, São José, 1992.pp.53-58.]

Evidentemente que, chegados a este ponto, a derivação lógica de uma reflexão de tal natureza só pode ser uma: obter conclusões que sirvam para melhorar a prática, para fazê-la mais coerente no futuro; para superar seus vazios, reafirmar os pontos fortes, insistir nos fatores cujo comportamento demonstrou que são "sinérgicos" ¹⁰ e para não repetir o que muitas vezes foi fator de debilidade ou desgaste.

Como dizem as companheiras da *Oficina de sistematização CEAAL-Peru*:

"A sistematização permite, ao refletir, questionar, confrontar a própria prática, superar o ativismo, a repetição rotineira de certos procedimentos, a perda de perspectiva em relação ao sentido de nossa prática. Nessa medida é um bom instrumento para melhorar a intervenção". ¹¹

Em síntese, o processo de sistematização permite *pensar no que se faz*, seu produto ajuda a *fazer as coisas pensadas*.

Extrair seus ensinamentos e compartilhá-los

Cada experiência de educação, animação e organização popular é única e irrepetível; mas isso não significa que podem ser entendidas e mantidas isoladas, cada uma dentro de sua "própria verdade". Qualquer prática social transformadora tem intenções, apostas, desenvolvimentos e resultados que definitivamente servem de inspiração, iluminação ou advertência a outras práticas semelhantes.

Os grandes propósitos dessas experiências são geralmente confluentes ou, pelo menos, não antagônicos. Extrair os ensinamentos da própria experiência, para compartilhá-los com outros, deveria ser sempre uma linha de trabalho priorizada entre nós que fazemos educação e animação popular. Da mesma maneira que, inversamente, estar atentos para conhecer e aprender da experiência de outros deveria ser uma atitude permanente dos que crêem não possuir verdades definitivas e nem estar pondo em marcha práticas perfeitas. *Aprender e compartilhar* são, assim, dois verbos que não podem ser desligados do exercício de sistematizar.

Aqui reside, justamente, uma contribuição insubstituível da sistematização, entendida no sentido que estamos reafirmando: poder realizar uma confrontação entre experiências diferentes, baseada no *intercâmbio de aprendizagens*, de

¹⁰ Quer dizer, fatores que possuem a característica de dinamizar outros; que podem imprimir sentido e projeção a outros elementos que têm energias em repouso, sob a forma de potencialidades e que requerem que outro fator os incentive para liberá-las. Ver também, a respeito, a contribuição dada por Manfred Max Neef e os companheiros do CEPANUR no Chile, ao falar de "satisfatores sinérgicos das necessidades humanas"; quer dizer, processos que podem satisfazer várias necessidades: *Desarrollo a escala humana*, CEPANUR, Santiago, 1986.

¹¹ Em texto citado, pág. 8.

valorações qualitativas com respeito à lógica e aos elementos presentes nos processos que experimentamos.

Isto significa superar o intercâmbio descritivo ou narrativo das experiências, dos quais pouco se pode tirar, salvo se conhecermos como elas estão se realizando. O relato puramente anedótico, geralmente linear e cronológico, pode ser ilustrativo e, se está bem contado, pode ser até apaixonante, mas é um desperdício se não tiver uma explicitação de seus ensinamentos, o que o faria "compartilhável".

Evidentemente, com a sistematização não se trata de chegar a *comparar* experiências, nem mesmo de ver qual poderia ser "melhor" que as outras. Trata-se de compartilhar criticamente *os resultados que surgem da interpretação dos processos*; de colocar sobre o tapete da reflexão coletiva as contribuições e os ensinamentos que se aprendem a partir do que foi vivido por cada um em particular.

Isto produz uma plataforma de abordagem para o encontro entre nossas práticas e para o aprofundamento teórico, radicalmente diferente e qualitativamente superior. Cria um novo ponto de partida que, sendo agora comum e coletivo, pode chegar a propor perguntas de um grau de complexidade maior, de um nível mais profundo de abstração, onde as confluências e diferenças entre as práticas individuais tomam um novo sentido e adquirem um valor explicativo mais relevante.

Com essa perspectiva, a sistematização contribui também para o intercâmbio de experiências, possibilidades que vão muito mais além do que pode oferecer uma classificação ordenada de experiências diversas que as agrupe e compare de acordo com determinadas características comuns: seus objetivos, metodologia, opção teórica, âmbito de ação, temas ou sujeitos prioritários.

Com a visão que propomos, não pretendemos catalogar "a partir de fora" as experiências, enfatizando aquilo em que se parecem, e sim relacioná-las num nível de reflexão crítica, onde **o que difere contribui tanto ou mais que o semelhante** na busca de respostas de fundo frente às mesmas perguntas.

Concluimos esse segundo ponto, assinalando mais um aspecto, que se deduz de todo o anterior: para que a sistematização sirva, efetivamente, ao intercâmbio de aprendizagem, será necessário não só interpretar as experiências, como também *fazê-las comunicáveis*.

Quer dizer, será necessário estruturar um *produto* com os resultados obtidos no *processo* de sistematização, de forma tal que permita a outros aproximarem-se adequadamente de sua compreensão e compartilhar seus ensinamentos, o que nem sempre é fácil. Os produtos podem ser muito variados, mas o importante agora é ressaltar que devem ser pensados com vistas a gerar um processo de *comunicação viva e retroalimentadora entre as experiências*.

O que significa isso? Que devemos entender como *intercâmbio* de experiências, não em seu sentido elementar de "conhecer umas as outras", mas sim no sentido de **confrontar as aprendizagens mútuas** que obtivemos com elas, de tal modo que nos permita olhar nossas próprias experiências com novos olhos. Aqui poderíamos distinguir três momentos:

1. A sistematização (como dissemos linhas acima) é um processo que permite "objetivar" o vivido.
2. Ao ter que dar conta de nossa prática, vemo-nos obrigados a expor ante os outros um produto que a comunique, o que significa realizar uma "segunda objetivação". Normalmente, este fato nos permite compreender ainda melhor os ensinamentos obtidos ou dar-nos conta de alguns vazios de interpretação que só se fazem evidentes quando buscamos explicá-los.
3. Ao tentar apropriar-nos das aprendizagens de outras práticas, vamos relacioná-las necessariamente com a nossa, pondo em confronto crítico os aspectos comuns e os diferentes. Realiza-se, desse modo, uma "terceira objetivação" de nossa própria experiência, graças às contribuições que nos suscitam as experiências alheias.

Seguindo esse processo não continuaremos a ver nossa prática com os mesmos olhos. Ao contrário, dialeticamente *reafirmaremos* posições que tínhamos antes, graças aos novos elementos que incorporamos, ou eles farão com que modifiquemos no todo ou em parte nossas apreciações iniciais. Isto fará com que tenhamos critérios orientadores válidos que permitam transformar e melhorar nossas próprias práticas e inseri-las dentro de um processo coletivo que as transcenda e por isso lhe dê sentido histórico.

Pelo que assinalamos nesse item, podemos concluir que esse intercâmbio vivo e retroalimentador, essa confrontação crítica, essa dimensão comunicativa, não pode ser considerado um aspecto secundário ou optativo, mas sim um aspecto *substancial* da sistematização. E isso é válido não só para melhorar a própria prática, mas também para contribuir à construção teórica.

Serve de base para a teorização e a generalização

Esta utilidade da sistematização é, sem dúvida, a mais complexa de conseguir e requer maior aprofundamento. Basta agora assinalar, de modo geral e introdutório, algumas considerações básicas sobre como a sistematização pode servir a esses propósitos.

Para transformar a realidade é preciso conhecê-la. Isso nos propõe o objetivo de produzir conhecimentos a partir de nossa inserção concreta e cotidiana em processos sociais específicos que fazem parte dessa realidade.¹²

¹² Preferimos usar a expressão "fazem parte" em lugar de "são parte" para sublinhar a interrelação profunda entre o particular e o geral dos processos sociais. As dinâmicas do geral se expressam e vivem a partir do particular. Assim,

Se nossa inserção se dá principalmente através de processos de educação, animação e organização popular temos aí um excelente ponto de partida, precisamente pela riqueza e multidimensionalidade dessas experiências. Elas trazem elementos que normalmente não são tomados pelas ciências sociais:

"As práticas de animação e educação popular se realizam nos espaços particulares, incidem nas dimensões cotidianas da vida dos setores populares. Esta dimensão tem sido pouco estudada pelas ciências sociais, que têm privilegiado o conhecimento do geral, do 'macro'. A sistematização representa uma contribuição para a produção de conhecimento a partir e sobre o particular, o cotidiano, enriquecendo, confrontando e questionando o conhecimento existente sobre esses processos sociais, para que seja cada vez mais adequado às condições rapidamente mutantes da realidade em nossos países" ¹³

O exercício de sistematização é um exercício claramente **teórico**; é um esforço rigoroso que formula categorias, classifica e ordena elementos empíricos; faz análise e síntese, indução e dedução; obtém conclusões e as formula como pautas para sua verificação prática. A sistematização relaciona os processos imediatos com seus contextos, confronta o fazer prático com os pressupostos teóricos que o inspiram. Assim, o processo de sistematização se sustenta em uma fundamentação teórica e filosófica sobre o conhecimento e sobre a realidade histórico-social.

A sistematização cria novos conhecimentos; mas, na medida que seu objeto de conhecimento são os processos e sua dinâmica, permite trazer à teoria algo que lhe é próprio: explicações sobre *a mudança* dos processos.

"Trata-se não só de entender situações, processos ou estruturas sociais mas também, no fundamental, conhecer como se produzem novas situações e processos que podem incidir na mudança de certas estruturas".¹⁴

Com base nessas características próprias, como exercício teórico que permite criar conhecimentos a partir do cotidiano e explicar os fatores de mudanças nos processos, é que a sistematização pode contribuir de forma decisiva para a recriação e a construção de teoria dinamizando dialeticamente a relação entre o conhecimento teórico já existente, como expressão do saber acumulado, e novos conhecimentos que surgem de novas situações e processos. As integrantes da *Oficina de sistematização CEEAL-Peru* formularam esse desafio de maneira muito nítida:

tratamos de superar uma visão formalista e estática que vê essas relações como uma vinculação entre "o pequeno" (o particular) e o grande (o geral).

¹³ Oficina de Sistematização CEEAL-Peru: "A sistematização no interior do Coletivo de Apoio Metodológico do CEEAL (rascunho para discussão). Lima, 1991, p. g.4.

¹⁴ Martinic, Sergio e Horacio Walker: texto citado, p.7

"...a sistematização, como atividade de produção de conhecimento a partir da prática, aspira a *enriquecer, confrontar e modificar* o conhecimento teórico atualmente existente, contribuindo para convertê-lo em uma ferramenta realmente útil para conhecer e transformar nossa realidade. E' assim que a sistematização produz uma 'reconceitualização' mediante a qual as concepções teóricas vigentes são rede-finidas a partir da prática, a partir dos novos conhecimentos que se elaboram ao se refletir sobre a ação. Esses novos conhecimentos serão logo difundidos e, por sua vez, confrontados com outras experiências, num processo em espiral, flexível e dinâmico, onde o aprendido é sempre base para novos conhecimentos. Assim, a sistematização e a socialização do novo saber produzido mediante ela(...), irá conformando um corpo de conhecimentos, produto da prática, que estará em condições de confrontar-se com a elaboração teórica atualmente existente".¹⁵

Definitivamente, a sistematização permite incentivar um *diálogo entre saberes*: uma articulação criadora entre o saber cotidiano e os conhecimentos teóricos, que se alimentam mutuamente. Esta é talvez uma das tarefas privilegiadas da educação popular, o que reafirma a importância fundamental de sistematizar nossas experiências, não só pelas possibilidades que têm, mas pela responsabilidade que implica para nós.

Por último, não podemos deixar de assinalar que tudo o que foi expresso nesse item coloca a sistematização como um fator *indispensável e privilegiado para nossa própria formação*. Nossa experiência se convertem, graças a ela, na fonte mais importante de aprendizagem teórico-prática que temos: para compreender e melhorar nossas práticas, para extrair os ensinamentos e compartilhá-los com outros, para contribuir com a construção de uma teoria que responda à realidade e, por isso, permita orientar nossa prática à sua transformação.

Concebida assim, a sistematização não pode ser um fato pontual e sim permanente e deve, por conseguinte, ser realizada pelas próprias pessoas que comprometem sua vida cotidianamente nesses processos.

¹⁵ Oficina de sistematização CEAAL-Peru: *Como fazer? Proposta de método de sistematização*. Lima, junho de 1992, págs. 6 e 7.